

O INCONSCIENTE FREUDIANO: AS MARCAS DA SEGUNDA TÓPICA

Juan Carlos Cosentino

Psicanalista;
professor titular
da Universidad
Nacional de
Buenos Aires.

Tradução de
Paloma Vidal

RESUMO: Interrogaremos os alcances e os limites da práxis analítica com a inclusão da *Eindruck* freudiana, em sua relação e diferença com os rastros mnêmicos. Enquanto os rastros remetem à pura diferença que cada um introduz em relação a si mesmo e a outros, a *Eindruck* nos antecipa que o inconsciente não faz um todo, não completa um universo. Assim, situaremos qual é o modo de inscrição desse inconsciente estruturado como uma linguagem, que obedece a uma lógica na qual domina o Um, pois cada *marca* é uma. Isto é, o modo de inscrição desse *Zeitlos*, tão “não sabido” como o inconsciente.

Palavras-chave: *Eindrucksvolle*, *Eindruck*, *Spur*, *Zeitlos*.

ABSTRACT: The Freudian's unconscious: the marks of the second theory. We will analyze the scopes and limits of the analytical praxis including the Freudian *Eindruck*, in relation to and in comparison with the mnemonic traces. While the traces lead to the pure difference that each one introduces in relation to itself and to another; on the other hand, the *Eindruck* tells us in advance that the unconscious does not constitute a whole; it does not complete a universe. Therefore, we will inquire into the modus of inscription of the unconscious structured like a language, which responds to a logic ruled by the One, since each mark is one. So, the modus of inscription of that *Zeit-los*, as “unknown” as the unconscious.

Keywords: *Eindrucksvolle*, *Eindruck*, *Spur*, *Zeitlos*.

INTRODUÇÃO

Freud encontra no material do sonho recordações de experiências impressionantes (*eindrucksvolle Erlebnisse*) da primeira infância, marcas (*Eindrücke*)¹ visuais que exercem um influxo determinante sobre a conformação do texto do sonho, operando como um ponto de cristalização, com efeitos de atração e distribuição sobre o material onírico. Assim, a situação do sonho “não passa de uma repetição modificada de uma dessas experiências contundentes, e só muito raramente é uma reprodução de cenas reais” (FREUD, 1901).

No entanto, o sonho como repetição ou como reprodução “é o substituto, modificado por transferência com algo recente, da cena (*Szene*) infantil” (Freud 1900, Cap. VII, p. 552 [AE, V, 540]). Não há lugar ainda para o fracasso da função onírica.

Anos depois, produz-se uma modificação que envolve uma virada. Freud continua utilizando o termo *Erlebnis*, mas seus referentes são acontecimento e tempo. Em 1926, ele reconstrói com o material das análises outros processos que escapam à cadeia associativa (não se trata de *Spur* ou *Erinnerungsspur*, isto é, de rastro ou rastro mnêmico), denominando-os de acontecimentos impressionantes (*eindrucksvolle Ereignisse*) da infância. A reconstrução dessas experiências infantis esquecidas sempre tem um grande efeito, admitam elas ou não uma corroboração objetiva,² tal como se antecipa na análise conduzida com o sonho do Homem dos lobos: “o que nessa noite se ativou do caos dos rastros de marcas (*Eindrucksspuren*) inconscientes foi a imagem de um coito entre os pais sob circunstâncias não inteiramente habituais e particularmente favoráveis à observação” (FREUD, 1918).³

Assim, esses acontecimentos (*Begebenheiten*) devem seu valor à circunstância de ter ocorrido cedo, “num tempo (*Zeit*) em que podiam ter um efeito traumático sobre o eu ainda fraco” (FREUD, 1926a).

Algo mudou. Não há continuidade entre 1901 e 1926. Do que se trata? De marcas (*Eindrücke*) capazes de influir de forma permanente sobre a vida sexual germinal da criança. Em primeiro lugar, observações de atos sexuais ou experiências

¹ Tanto López Ballesteros como Echeverry traduzem *Eindruck* por impressão. Propomos marca. Inicialmente, Freud relaciona tais marcas com experiências impressionantes e a partir da virada de 1920 com acontecimentos impressionantes. Justamente nessa palavra “*eindruckvoll*” reaparece o termo “*Eindruck*”. Posteriormente, acrescenta-se sua conexão com o tempo (*Zeit*), o visto, o ouvido e o momento traumático (*traumatischer Moment*). *Druck* é impressão e também gravura. *Drucken* é imprimir e estampar. E *Eindruck* é tanto marca, rastro, traço, como impressão.

² Lacan o retoma no Seminário da Angústia: “essa coisa que se produz e que para ele jamais chega à consciência, e que de certo modo só pode ser reconstruída como um elo de toda determinação ulterior, a turbação (*émoi*) anal e seu produto: o modo primeiro como intervém a emergência do objeto *a*” (aula de 25/06/1963)

³ Um pouco depois Freud esclarece: “a ativação (*Aktivierung*) dessa cena (a propósito, evito o termo *recordação*) tem o mesmo efeito de uma vivência recente”.

sexuais próprias; isto é, intervêm em seu alcance traumático tanto o visto freudiano como as experiências no próprio corpo. Em segundo lugar, a escuta de conversas que a criança compreendeu na hora ou somente a posteriori, das quais acreditou extrair informação sobre coisas secretas ou sinistras (*unheimlich*); isto é, irrompe o ouvido e, junto com esse resto verbal, o objeto freudiano é atravessado pelo desprazer da inquietante estranheza. E, em terceiro lugar, exteriorizações e ações da própria criança, que comprovam uma atitude tenra ou hostil para com outras pessoas, ou seja, o efeito que exerce, a partir do inconsciente, o complexo nuclear de toda neurose. Assim, na análise, “é particularmente importante fazer emergir a atividade sexual esquecida da criança, como a intervenção, que lhe pôs fim, dos adultos” (Idem).

Desde a primeira clínica freudiana, a cadeia associativa é regulada pela lei da sobredeterminação e as representações inconscientes estão infalivelmente⁴ articuladas com o âmbito da vivência sexual, isto é, com o que foi experimentado pelo sujeito, embora sem ter as palavras para compreendê-lo ou para dizê-lo.

Freud o reafirma em *Moisés e o monoteísmo*: “os traumas são experiências no próprio corpo ou bem percepções sensoriais, a maioria das vezes do que foi visto ou ouvido, ou seja, experiências ou marcas” (FREUD, 1939, p. 179-80 [AE, p. 71-2]). Trata-se de *Erlebnisse* ou *Eindrücke* que ocorrem muito cedo, pertencem ao período da amnésia infantil e se referem, junto com o masoquismo primário erógeno e a pulsão de morte autodestrutiva, a impressões de natureza sexual e a danos precoces do eu.

O trauma nomeia a impossibilidade de que os restos do visto e ouvido sejam incorporados ao simbólico, isto é, sua limitação inerente. O encontro com o sexual é sempre errado, e o trauma é o buraco para o qual convergem as representações inconscientes sem poder, no limite, representá-lo. Assim, o inconsciente consiste na operação de substituição, realizada pela via do recalque, ao redor do buraco real do sexo, isto é, de seu ponto de fracasso.

Tais restos⁵ nos levam à materialidade do inconsciente. Intervém a palavra ouvida do Outro e, enquanto tal, não sabida. Palavras impostas, vindas de fora, com as quais se pode enunciar que o inconsciente é o discurso do Outro. Isto é, nesses acontecimentos impressionantes, produz-se o encontro entre estrutura de linguagem e imposição de palavras do Outro. Trata-se, para Freud, de restos verbais, muitas vezes incompreensíveis, que constituem esses pontos de fixação que formam o núcleo do inconsciente propriamente dito, esse núcleo real de nossa vida anímica núcleo da neurose.

⁴ “Eis aqui o resultado mais importante com que tropeça por causa de uma conseqüente perseguição analítica: não importa o caso ou o sintoma do qual haja partido, infalivelmente acaba-se chegando ao âmbito do vivenciar sexual” [Freud, 1896].

⁵ “Coisas (*Dinge*) que tinham visto ou ouvido e que tinham entendido parcialmente” (Freud, Carta 12 (24); Viena, 30 de maio de 1983, p. 42).

Palavras que constituem a escrita no inconsciente da maneira como o sujeito foi desejado ou não, e que tão só por esse fato o situam de certa maneira na linguagem.

Conseqüentemente, a materialidade do inconsciente está constituída por restos de palavras do Outro, que nos afetam e continuam em nós, como marcas indestrutíveis (o desejo indestrutível). São essas fendas que abrem caminhos (*Bahnen*)⁷ definitivos e nunca ficam desertas. Não são apenas marcas de passagem de quantidade, já que “é fácil comprovar em quão grande extensão a sensibilidade sexual da criança é despertada por tais experiências, e como suas próprias tendências sexuais são dirigidas por rastros que abrem vias (*Bahnen*) que ela não poderá mais abandonar” (FREUD, 1940, p. 110 [AE, p. 183-7]). São também marcas em que opera um excedente do princípio do prazer, como o comprova a ganância de prazer ou *Lustgewinn*. Ocorre tanto com a formação de um chiste como com uma irrupção, isto é, com uma queda no campo de algo que é a da ordem do gozo: um excedente.⁸

Convém, pois, interrogar os alcances e os limites da práxis analítica com a inclusão da *Eindruck* freudiana, em sua relação e diferença com os rastros mnêmicos.

LÓGICA DO *EIN*

Em O esquema da psicanálise, Freud se refere a “experiências acidentais”, “marcas e experiências externas” e também a “experiências traumáticas” (Idem). As neuroses traumáticas retornam e, com elas, aquilo que a experiência analítica transmite e o alcance das excitações externas.

A experiência (*Erfahrung*) analítica, quando nos ensina que de fato existe uma exigência ou demanda pulsional, cujo domínio em princípio fracassa ou se obtém apenas de maneira incompleta, e uma época da vida que conta de maneira exclusiva ou prevalecte para a formação de uma neurose.⁹

⁶ *Bahnung* foi inapropriadamente traduzido por facilitação; trata-se não de vias facilitadas, mas do ato pelo qual se abre a brecha que produz o caminho. Ou seja, de um abrir caminho decisivo na estruturação do sujeito, constituindo uma escrita inaugural de cadeias em que a quantidade metaforiza a incidência de um exterior radicalmente Outro. Quer dizer que opera no campo da linguagem e onde o Outro é determinante em sua constituição. Um registro da marca de passagem da quantidade. A experiência de satisfação é um *Bahnung* dessa ordem: consiste em caminhos (*Bahnungen*) duradouros que nunca ficam desertos e que serão reativados cada vez que a excitação inconsciente for reinvestida: “Só podem ser aniquilados da mesma maneira que as sombras do mundo subterrâneo na *Odisséia*, que ganhavam nova vida assim que bebiam sangue.”

⁷ Ver Lacan (1992, p.18). “O que a análise mostra é que precisamente nada se transgride”.

⁸ Ambos os fatores, natureza pulsional e época da vida, têm bastante a ver um com o outro, embora demandem ser abordados em separado.

⁹ *Mitgebracht* é um termo coloquial. É o participio passado do verbo *mitbringen* – literalmente “trazer com” – que significa “aportar, trazer consigo algo quando se chega a algum lugar”.

As excitações externas, quando são suficientemente fortes para abrir uma brecha (*Durchbruch*) na barreira do contra-estímulo.

Assim, as neuroses traumáticas introduzem uma novidade: não derivam da história individual do sujeito (a história secreta do indivíduo que a análise traz à luz, ou seja, a história de uma neurose). Até aqui, o complexo de Édipo é o genuíno núcleo da neurose e a sexualidade infantil, que culmina nele, é a condição efetiva da mesma.

Enquanto isso, a neurose da infância pode se tornar manifesta por um breve lapso ou até passar despercebida, e a posterior contração da neurose se une em todos os casos àquele prelúdio infantil; “talvez a neurose denominada traumática (causada por terrores extremamente intensos ou graves comoções somáticas, como choques ferroviários, soterramentos por deslizamento de terra, etc.) constitua uma exceção nesse ponto” (Idem).

Qual é seu princípio? Não é o complexo de Édipo. Isto é, não é o universal. Então, há algum nexos com a condição infantil? As exigências pulsionais de dentro, assim como as excitações do mundo exterior, exercem seu efeito traumático que leva à respectiva neurose, particularmente se são solicitadas por certas predisposições que a criança traz consigo (*mitbringen*).¹⁰ Essas exigências introduzem outra ordem de inscrição não fantasmática: a identificação com um rastro como terceira forma da fixação pulsional. E essa mesma exceção constitui a ocasião, para Freud, de situar algo alheio àquele território operatório cujo limite anteciparemos.

Indiquemos três aspectos.

A irrupção do não-ligado e a redefinição da pulsão. Afinal, a pulsão não está regida só pelo princípio do prazer. Há na pulsão um mais-além que urge (*Drang*) a buscar sem fim a satisfação.

A reconsideração da estrutura do conflito que determina a neurose.

A reorganização dos obstáculos que se opõem à análise, isto é, as resistências maiores, a do isso e a do supereu.

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud fala de “certas experiências e marcas” que reconhece “como traumas etiológicos”. De que modo essas marcas precoces se afirmam contra todas as ingerências de épocas mais maduras? “A influência compulsiva mais intensa provém daquelas marcas que atingem a criança num tempo (*Zeit*) em que não é possível outorgar plena capacidade receptiva a seu aparelho psíquico” (FREUD, 1939, p. 233-36 [AE, p. 121-23])

Evidentemente, quando chegamos ao mundo, trazemos algo próprio conosco e é provável que Freud esteja se referindo a isso: “o que vem conosco” ao nascer (às vezes utiliza *mitgeboren*, que descreve isso mais literalmente). Ver Cosentino (2003, p.12-13, nota 9).

¹⁰ E que “em algum momento irrompe em sua vida com impulsos obsessivos, dirige suas ações, impõe-lhes simpatias e antipatias e, com muita frequência, decide sobre sua escolha amorosa, quase sempre impossível de fundamentar com o uso da razão”.

Finalmente, o sonho traz à colação marcas que não podem provir da vida madura nem da infância esquecida do sonhante. Como considerá-las? No Esquema, são parte da herança arcaica que a criança traz ao mundo, antes de qualquer experiência própria, influída pelas experiências de seus antepassados. Trata-se do passado herdado e do passado assumido por outros, que – como veremos – não pertence ao passado. É herança por vir.

Antecipemos que a satisfação pulsional inscrita nesse momento é diferente da do período prévio a 1920. Com *Além do princípio do prazer* são introduzidos a pulsão de morte, o masoquismo primário erógeno, o não-ligado, ocorrendo assim uma transferência da psicologia individual à de massas. Com essa virada, torna-se “patrimônio comum saber que as experiências dos primeiros cinco anos adquirem um poder de mando sobre a vida que nada posterior contrariará” (Idem).

Assim, aquilo que as crianças experimentaram, sem então compreender,¹¹ “pode ser que jamais recordem, a não ser em sonhos” (Idem), e apenas mediante um tratamento psicanalítico. Com essa outra modalidade de satisfação e com a transferência à psicologia de massas, redefine-se também a função do sonho.

O inconsciente, estruturado dessa maneira, obedecerá a uma lógica em que domina o Um (Ein), já que cada Eindruck é uma. Os rastros podem ser remetidos à pura diferença que cada um introduz em relação a si mesmo e a outros; já a Eindruck nos indicará que o inconsciente não faz um todo. Essa marca vale como um Um que não completa um universo. Para Freud, não há *Weltanschauung* que provenha do discurso psicanalítico. Sustentando a experiência do Um, o analista escutará algo novo a cada vez: um que não tem equivalente.

Assim, Eindruck não é um rastro entre outros. Essa marca como Um irá além, ampliando os limites do campo analítico, já que só do entre-dois é possível supor o sujeito.

MOMENTO INAUGURAL

No capítulo II de *Além do princípio do prazer*, tropeçamos reiterada vezes com a seguinte pergunta: a urgência (*Drang*) de processar psiquicamente algo impressionante, de se apossar por completo disso, pode se exteriorizar de maneira primária e independente do princípio do prazer?

Uma segunda pergunta faz-se necessária: que experiência impressionante é essa, o que é esse algo impressionante (*etwas Eindrucksvolles*)? Observemos que a

¹¹ Em outra observação, ao pé da página, relata que um dia, quando a mãe estivera ausente durante várias horas, a criança a saudou ao voltar dizendo “Bebê 0-0-0-0”. Durante essa longa solidão, a criança encontrara um recurso para fazer desaparecer a si mesma (*sich selbst verschwinden zu lassen*): descobrira, do lado de fora de um grande espelho que chegava quase até o chão, sua imagem, e depois se ajoelhou, de modo que a imagem no interior do espelho “fosse embora” (*fort*). Ver Cosentino, 2003, p. 40.

criança não se centra, tal como o indicam Wallon primeiro e Lacan em seguida, na partida da mãe nem em vigiar seu retorno para vê-la de novo ali.

Essa operação impressionante, que Freud não constrói completamente, marca o sujeito como dividido, mas não o representa. Trata-se da inscrição de uma marca não visível, como afirmação (*Bejahung*) de uma satisfação extraída pela raiz que, por sua vez, deixa um resto não mensurável. *Bebê 0-0-0-0* é o testemunho dessa divisão e dessa privação.¹²

Como operação fundante, o grito é o primeiro efeito de cessão que coincide com a emergência no mundo daquele que será o sujeito.¹³

Reafirma que a criança perdeu algo, emerge como testemunha dessa experiência, isto é, do lançar-se (*werfen*), do desaparecer, não designa o objeto¹⁴ e vale como *fort*. Nesse ponto, trata-se de um único fonema que se encontra à espera de um outro: *Da*.

Como se inscreve o sujeito dividido? Produzida a perda, o sujeito se representa como falta no campo do Outro. Depois desse momento, a linguagem, que antecede a criança, devolve-lhe o *Da*, isto é, a primeira oposição pronunciada.

Uma terceira observação, acrescentada como nota à *Traumdeutung* em 1919 — o primeiro sonho de seu neto, de 20 meses, de que teve notícia — mostra que o trabalho do sonho, apesar da ênfase dada por Freud, é capaz de transformar seu material num cumprimento *falho* do desejo, de modo “que o afeto correspondente se impõe, imutável, também no dormir”. Na noite anterior ao dia em que seu pai deveria partir para a *front*, a criança exclamou entre fortes soluços: “*Papai, papai... neném!*” (FREUD, 1900, Cap. VI, p. 463-4, nota 1 [AE, V, p.458-9, nota 3])

Nessa terceira observação, o sonho só pode significar que papai e neném — como cumprimento de desejo — permaneceriam juntos, enquanto que o choro — momento de fracasso da função do sonho — admite a iminente despedida.

¹² Esse entre-dois, *Otro ... Sujeto* cede alguma coisa. Momento inaugural: em continuação, já “nada pode fazer com esse grito que escapa dele”, já “nada o une a esse grito”. Função da angústia: o sujeito ignora profundamente esse instante — momento constitutivo do objeto *a* — em que se produz a causa de sua divisão. Produzida essa cessão, o sujeito se inscreve como falta: fica cindido e implicado no fantasma, suporte do desejo. Ver Cosentino, 2001, p.13-22.

¹³ O interesse desse objeto, que Freud não conseguiu construir conceitualmente, reside em nos mostrar o lugar da voz — nos diz Lacan — na topografia da relação com o Outro; voz que nos é apresentada sob a forma exemplar de se encontrar de certo modo em potência, de forma separada. Trata-se de saber, como objeto separado do sujeito, onde se insere, em que domínio, não na oposição interior-exterior, cuja insuficiência o próprio Freud adverte, mas em referência ao Outro, sobre esse campo de enigma que é o Outro; em que momento pode intervir tal espécie de objeto em seu rosto por fim revelado sob sua forma separável, o nível em que aparece a forma de *a* que se chama voz. Algo que conhecemos bem como fenômeno: seus dejetos, suas folhas mortas, sob a forma das vozes extraviadas da psicose, ou seu caráter parasitário, sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu (LACAN, 1963).

¹⁴ Quer dizer, o objeto *a* diante desse espelho, em suma inexistente, do Outro (LACAN, 1966).

“O conceito da separação, ‘fort’, substituído por um longo ‘o-o-o’, adquirido muito cedo” (Idem) como inscrição de uma marca que não é e de uma perda inicial de gozo, retorna no sonho. Com o sonho, adverte-se a torção ocorrida. Seu texto reintroduz o intervalo, indicado pelos pontos suspensivos que Freud coloca quando transcreve a frase do mesmo: “Outro ... sujeito”, “Papai ... neném”.

Com a ajuda de seu próprio neto, a constituição do espaço se torna lingüística: esse entre-dois delimita o sujeito como falta no campo de enigma que é o Outro. Assim, o significante se articula representando um sujeito para um outro significante, enquanto o choro, esse afeto que para Freud se impõe imutável, recorta a descontinuidade e descobre o lugar do real.

Uma vez que o espaço se torna heterogêneo, a distinção exterior-interior está perdida: o carretel lançado por cima da beira da cama desaparece — “fortsein “— do lado de lá *des Lustprinzipts*.¹⁵ A abertura impressionante derruba as coordenadas do espaço kantiano.

O próprio Freud o adverte ao assinalar no capítulo IV que “a tese de Kant segundo a qual tempo e espaço são formas necessárias de nosso pensar pode hoje ser submetida a uma revisão à luz de certos conhecimentos psicanalíticos: os processos anímicos inconscientes estão fora-do-tempo (*Zeit-los*)” (FREUD, 1920).

Vale dizer, um tempo-perdido ou mesmo um tempo-desligado, no instante em que se produz essa perturbação menor da operação onírica.¹⁶ E como “a experiência analítica nos convenceu sobre o pleno acerto da tese segundo a qual a criança é psicologicamente o pai do adulto, e as experiências de seus primeiros anos possuem uma significação inigualável para toda sua vida posterior”, existe algo que é lícito designar “a *Erlebnis* central desse período da infância”: os efeitos de certos influxos que não atingem todas as crianças, embora se apresentem com bastante freqüência, como o abuso sexual e “sua comoção,¹⁷ ao serem partícipes de testemunhos auditivos e visuais de processos sexuais entre adultos, na maioria das vezes num tempo em que não lhes é atribuído interesse nem inteligência para tais marcas, nem a capacidade de recordá-las mais tarde” (FREUD, 1940,

¹⁵ Segundo Freud (1933b), a neurose traumática nos mostra um caso extremo do fracasso da função do sonho, “mas é preciso conceder caráter traumático também às experiências infantis, e não será de espantar se surgirem perturbações menores da operação onírica também sob outras condições”. Por exemplo, nos “sonhos que se apresentam nas análises e que nos trazem de novo (*wiederbringen*) a lembrança dos traumas psíquicos da infância”, como lemos no capítulo IV de *Além do princípio do prazer*. Ver Cosentino, 2003, p.62.

¹⁶ *Ergriffensein*: emoção, comoção, perturbação, turbação.

¹⁷ No capítulo III de *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), lemos que o fato de a experiência (*Erlebnis*) original não ter produzido prazer no seu tempo não serviu como experiência (*Erfahrung*) para evitar que ressurgisse a repetição como se fosse uma experiência (*Erlebnis*) nova (COSENTINO, 2003, p.48-9).

p. 113-14 [AE, p. 187]). E assim, “podem não recordar nunca o que experimentaram (*erlebt*), sem entendê-lo então, com a idade de dois anos” (FREUD, 1939, Cap. III, Parte II, p. 234 [AE, XXIII, 121-22]), a não ser que seja ativado em algum sonho e somente mediante um tratamento psicanalítico.

Em 1920, o fato de que a *Erlebnis* original não tenha produzido prazer no seu tempo não serve como experiência (*Erfahrung*) – não há progresso — e ressurge a repetição operando como uma nova *Erlebnis*.¹⁸

O inconsciente — assinalamos — está estruturado como uma linguagem. Uma linguagem é o modo como *alíngua* recebe e aprisiona a criança, como o desejo da mãe marca seu corpo. Esse intervalo, “Papai... neném”, essa abertura — como um — é o lugar onde, via desejo do analista, o sujeito terá a oportunidade de interrogar sua particularidade na escuta de um *Zeitlos*, tão “não sabido” (FREUD, 1930) como o inconsciente.

TEMPORALIDADE DO TRAUMA

Na 32ª conferência, “Angústia e vida pulsional”, Freud retoma o trauma e o redefine em sua acepção temporal. Ele denomina de momento traumático (*traumatischer Moment*) uma situação em que fracassam os empenhos do princípio do prazer. “Só a magnitude da soma de excitação faz de uma marca (*Eindruck*) um momento traumático (quer dizer, transforma-a numa marca de gozo), paralisa a operação do princípio do prazer, confere sua significação à situação de perigo” (FREUD, 1933a).¹⁹

A experiência clínica lhe diz de maneira categórica que “momentos traumáticos dessa espécie de fato acontecem na vida anímica sem relação com as supostas circunstâncias de perigo e então, por causa deles, a angústia não surge como sinal, mas nasce como algo novo com um suporte próprio”. Uma origem dupla da angústia: “como conseqüência direta de momentos traumáticos” ou “como sinal de que um momento assim é uma ameaça”. Só os recalques mais tardios mostram que “a angústia surge como sinal de uma situação anterior ao perigo” (COSENTINO, 1998, p.71 e 84-86; COSENTINO, 2003a, p.70).

Ao invés disso, “as primeiras irrupções — muito intensas — de angústia se produzem antes da diferenciação do supereu. Fatores quantitativos, tais como a intensidade hipertrófica da excitação e o rompimento ou a brecha aberta (*Durchbruch*) na barreira contra-estímulo, constituem as ocasiões imediatas dos recalques primários” (FREUD, 1926b).

¹⁸ “Denominaremos traumáticas aquelas excitações do exterior que são fortes o suficiente para abrir brecha na barreira contra-estímulo”, no capítulo IV de *Além do princípio do prazer*. Ver Cosentino, 2003, p.58.

¹⁹ Ver também Cosentino, 1998, p.161-2.

Trata-se, nessas primeiras irrupções, de um momento — capítulo IV, Além do princípio do prazer — em que a barreira é abordada por estímulos de tanta intensidade que a perfuram.

A *Urverdrängung* constitui-se como divisão ante algo da ordem do intolerável que ultrapassa, por sua intensidade, as defesas simbólicas da proteção do sujeito. Freud situa ali, produzindo essa divisão, a ação da angústia do nascimento, quer dizer, da “castração na mãe”, um momento logicamente anterior à própria constituição do sujeito como sujeito sexuado.

Essa angústia (*do nascimento*) anterior ao recalque é o momento crucial de falta de recurso no qual a castração como desamparo alcança o Outro. Acontecimento impressionante: falham as defesas simbólicas. Lugar de abertura, consequência de uma imperfeição do aparelho psíquico, que se situa no núcleo da estrutura e se conecta com o núcleo da neurose (COSENTINO, 1998, p.70-1).

Os primeiros recalques originários criam sua angústia como algo novo, “nascem diretamente do encontro do eu com uma exigência libidinal hipertrófica que provém de momentos traumáticos” (Idem).

Na 29ª conferência (FREUD, 1933b, p. 29-31),²⁰ essa exigência da libido-resto reafirma a importância das primeiras experiências sexuais da criança que envolvem outras formas de retorno, via sonho, numa análise: marcas dolorosas (*schmerzlichen Eindruck*) de angústia, de proibição, de desengano e de castigo que, em função disso, denominam-se traumáticas e situam o que não pode ser ligado: uma estranha satisfação que vai da pulsão de morte ou destruição ao masoquismo primário. Isto é, o gozo pulsional em seu retorno como momento traumático quando falha e se produzem perturbações menores da operação onírica nos pacientes em análise.

Dor e prazer deixaram de ser advertências para se tornarem, eles próprios, metas. E com esse momento que retorna, o caráter desprazeroso e a tendência do sonho à realização de desejo parecem se conciliar muito mal: “que impulso de desejo poderia se satisfazer mediante esse retrocesso à experiência traumática, extremamente penosa?” (Freud 1933b).²¹

Com a virada freudiana, afirma-se a orientação do econômico (LACAN, 1976). Enquanto real traumático, também é fundado por um discurso, ali onde não há inscrição da diferença dos sexos.

²⁰ “A fixação inconsciente num trauma parece estar entre os principais impedimentos da função do sonho. Assim como quem dorme se vê levado a sonhar porque o relaxamento do recalque permite que se torne ativa a pulsão que emerge da fixação traumática, ao falhar a operação de seu trabalho do sonho, ele prefere transformar os rastros mnêmicos do episódio traumático num cumprimento de desejo” (FREUD, 1933b).

²¹ Na Carta 52 (112) lemos: “A denegação (*Versagung*) da tradução é aquilo que clinicamente se chama de ‘recalque’. Seu motivo é sempre a liberação de desprazer que seria gerada por uma tradução, como se esse desprazer convocasse uma perturbação do pensar que não consentisse o trabalho de tradução” (FREUD, 1897, p. 210-20 [AE,I, 276-7]).

O NOVO CONFLITO

A condição do conflito na *Metapsicologia* é a sexualidade infantil. Agora são a pulsão de morte e o não-ligado, em sua oposição ao ligado, que estão se redefinindo. Assim, a partir da introdução do masoquismo erógeno, produz-se uma nova mudança independente da intensidade do trauma ou da magnitude da soma de excitação.

Um passo ulterior na experiência analítica — *Análise terminável e interminável* — o leva a resistências de outra índole, que ele já não consegue localizar e que parecem depender de condições fundamentais dentro do aparelho anímico.

Freud individualizou parte dessa força. Por um lado, certo grau de inércia psíquica, quando o trabalho analítico abriu caminhos novos no impulso pulsional, isto é, a resistência do isso e o masoquismo feminino. Por outro lado, como consciência de culpa e necessidade de castigo. Aquilo que é ligado pelo supereu e pelo masoquismo moral.

Mas “outros montantes (*Beträge*) dessa mesma força podem estar operando sabe-se lá onde, de forma ligada ou livre” (FREUD, 1937): a presença na vida anímica de um poder que, por suas metas, ele denomina de pulsão de agressão ou de destruição e deriva da pulsão de morte originária, ou seja, os fenômenos do masoquismo imanente de tantas pessoas.

Assim,

“tem-se toda a impressão de que a tendência ao conflito é algo especial, algo novo que, independentemente da *quantidade de libido*, vem se somar à situação. E semelhante tendência ao conflito, que aparece de maneira independente (da intensidade do trauma ou da magnitude da soma de excitação), dificilmente pode ser atribuída a outra coisa além da intervenção de um *fragmento de agressão livre* que derivamos da pulsão de morte originária, própria da matéria animada.” (FREUD, 1937)

Ou seja, intervém, como novidade, o *não-ligado*.

A condição do conflito mudou: da sexualidade infantil, cujo campo operatório é a relação princípio do prazer-princípio de realidade, ao não-ligado.

Surge um ponto fora do território do princípio. Como conseqüência da ruptura da barreira, produz-se o não-ligado que abre passagem para algo que não se reduz ao campo em que se produz: apresenta-se como um exterior, sempre excluído.

Essa mudança se antecipa na *Carta 52*. “Que a defesa termine ou não num recalque não pode depender da magnitude da liberação de desprazer”. Se A (a recordação), ao surgir de novo, libera um desprazer novo, então se comporta como algo atual. Isso ocorre quando não se produz a tradução. Assim, “toda vez que a reescrita posterior falta, a excitação é tramitada segundo as leis psicológicas

que valiam para o período psíquico anterior e pelos caminhos de que então se dispunha” (FREUD, 1887-94). Com a falta de tradução e de reescrita, subsistirá um anacronismo: em certa província regerão ainda uns “foros” (antigas leis vigentes destinadas a garantir privilégios imemorais) e assim retornará o que havia saído de moda, o que havia caído em desuso, os restos,²² quer dizer, o não-ligado.

Há algo novo no campo analítico: a intervenção de um *fragmento de agressão livre*, quer dizer, nosso masoquismo imanente,²³ conseqüência de ter sido franqueada, numa análise, a neurose de transferência. O conflito mudou: sua nova condição é a pulsão de morte e o não-ligado em oposição ao ligado, que também se redefine. Há então uma nova orientação. Mas essa orientação não é um sentido.

E a novidade é que a experiência do *Ich* não é a experiência de um não-saber, mas de um saber regulado pela resistência interna do sujeito, isto é, pelo não-ligado. O saber, então, está vinculado ao sexual e a resistência indica enodamento, no não-ligado, do saber ao gozo. Só poderá existir um acesso a esse saber se o sujeito elabora (*Durcharbeiten*) as condições dessa resistência.

O PARTICULAR DO SINTOMA

Na passagem que Freud faz, no capítulo III de *Além do princípio do prazer*, dos fenômenos de transferência dos neuróticos ao que pode ser encontrado na vida de pessoas não neuróticas, aparece a compulsão de destino. Surgem ali as primeiras referências à substituição de um modo de satisfação ajustado à neurose de transferência (o próprio tratamento como satisfação substitutiva) por outro modo: a

²² Ver Freud (1937, Cap. VI, 88-9 [244-6]).

²³ Na 23ª conferência, Freud (1916) emprega “*Anlage*”, “disposição”, para designar o que está presente ao nascer, quer dizer, o inato, e “*Disposition*”, “predisposição”, para o adquirido na primeira infância. Mas, paralelamente a esses termos, utiliza “*archaische Erbschaft*”, “herança arcaica”, e “*phylogenetische Erbschaft*”, “herança filogenética”. Com a *Metapsicologia* (1915), a herança arcaica será universal e determinada pela cicatriz deixada pelo naufrágio do complexo de Édipo. Como núcleo da neurose, ela se fixará nos fantasmas primordiais, herdados filogeneticamente. “De onde vêm – pergunta-se na 23ª conferência – a necessidade de alcançar (*herrühren*) tais fantasmas e o material com o qual se constroem? Não resta dúvida de que sua fonte está nas pulsões, mas falta explicar por que em todos os casos se criam (*schaffen*) os mesmos fantasmas com idêntico conteúdo. Acredito – responde – que esses fantasmas primordiais são um patrimônio filogenético. Neles, o indivíduo excede seu vivenciar (*erleben*) próprio em direção ao vivenciar dos tempos pré-históricos (*Erleben der Vorzeit*), nos pontos em que o primeiro foi rudimentar demais: a criança fantasiosa não faz nada além de preencher (*ausfüllen*) as lacunas da verdade individual com uma verdade pré-histórica”. Qual é sua função? “A fantasia de espancamento e outras fixações análogas”, precipitações do complexo de Édipo, cicatrizes que o processo deixa depois de encerrado (*abgelaufener Prozeß*), constituem o núcleo das neuroses. Um modo de satisfação masoquista investido na estrutura gramatical de *Bate-se numa criança* (1919). O salto lógico que Freud introduz com *Além do princípio do prazer* (1920), como aparece nesse trabalho, redefine e transforma o valor conceitual da herança arcaica.

fixação num rastro como novo lugar de satisfação substitutiva, nessa transferência da psicologia individual à de massas. Por isso, tais processos, que envolvem outras formas de retorno diferentes do recalcado, são menos transparentes e mais inacessíveis à análise do que os processos neuróticos, a neurose de transferência e a dimensão fantasmática.

Ali operará outra ordem de laço: a identificação a um rastro como réplica e substituição à renúncia pulsional, fazendo as vezes, inscrevendo, de um modo diferente, a frase superegóica ou o fantasma, o genuíno masoquismo erógeno primário. Uma marca (*Eindruck*) de gozo da mais precoce infância que o circunscreve e o localiza e que, no entanto, não está representada no inconsciente (COSENTINO, 2003, p.87-102).

Com *Além do princípio do prazer*, o valor da herança arcaica se modifica. Intervém como novidade a pulsão de morte atuante no interior do organismo. Com *Moisés e o monoteísmo*, retorna como herança o ato do assassinato do pai primordial: a vontade — *de gozo* — do pai se “prolonga após sua eliminação”. A renúncia pulsional paradoxal que a substitui “não é nada além da vontade — *de gozo* — continuada do pai primordial”, fazendo as vezes, inscrevendo, como identificação ao rastro, de um modo diferente o fantasma ou a frase superegóica, o masoquismo erógeno não-ligado (COSENTINO, 2003).

Trata-se de fenômenos excedentes ou residuais da análise da neurose de transferência que representam um novo limite na clínica e envolvem uma intervenção sobre os resíduos transferenciais da neurose de transferência. Incorpora-se, dessa forma, a segunda hipótese freudiana sobre a herança filogenética.²⁴

E com essa inscrição — a construção de um traço —, adquirem-se numa análise essas marcas particulares, estendendo o campo transferencial.

SONHO

Assim, em certos momentos privilegiados de uma análise, produz-se via sonho, cujo estatuto também mudou, a *ativação* de marcas que não podem provir da vida madura nem da infância esquecida do sonhante. Como considerá-las? Como parte da herança arcaica que a criança traz consigo (*mitbringen*)²⁵ ao mundo antes de qualquer experiência própria, influída pelo vivenciar dos antepassados.

Trata-se do *passado herdado* e do *passado assumido por outros*, que paradoxalmente não pertence ao passado. É herança por vir. Como entendê-la? Tal como Freud propõe, citando Goethe: “O que herdaste de teus pais, adquire-o para possuí-lo” (Freud, 1940, p. 138 [AE, p. 208-9]). É preciso adquire-la, inscrever essa aquisi-

²⁴ “O sonho se erige, assim, a respeito da pré-história humana, numa fonte que não deve ser desconsiderada”. Para *mitbringen*, ver nota 9.

²⁵ Em consonância com Marx e com o *Lustgewinn*, o material não é substância, é produção.

ção como produção²⁶ da análise, a partir da nova função que os sonhos assumiram. Assim, com a ativação da “herança” em alguns sonhos, somente se inscreve porque é adquirida: é passado por vir, no trajeto que Freud percorre do universal ao particular no *Esquema da psicanálise*.

Em 1933, ao se referir às provas dessa participação na formação do sonho, Freud escreve outra vez que no isso se percebe com surpresa a exceção ao enunciado kantiano, segundo o qual espaço e tempo são formas necessárias de nossos atos anímicos.

“No isso não se encontra nada que corresponda à representação do tempo, nenhum reconhecimento de um decurso temporal e nenhuma modificação do processo anímico pelo transcurso do tempo. Impulsos de desejo que nunca atravessaram o isso, mas também marcas que foram afundadas (o que caiu no fundo) no isso, são virtualmente indestrutíveis, conduzem-se durante décadas como se fossem acontecimentos novos.” (FREUD, 1933c)

Lacan (1975a) nos assinalou que o significante *Um* não é um significante entre outros. Essa *Eindruck* se repete, mas não se totaliza com essa repetição; quando o analisante aprende o modo como o *Ich* está estruturado, começa “a se dar conta” de que esse inconsciente é seu.

O enunciado da regra fundamental aponta para esse algo de que o sujeito menos está disposto a falar, a saber, de seu sintoma, de sua particularidade (LACAN, 1975b; COSENTINO, 2003, p.99-101).

Mas o real do sintoma põe em jogo a falha do particular para nomear o universal. (LACAN, 1978/1994).

E assim, indica-nos que não há lei de fechamento. Para inscrever uma marca indestrutível é preciso a particularidade, quer dizer, um sonho. Vale a pena se deslizar através de toda uma série de particulares para que algo do singular não seja recalçado. É possível denominá-lo *encontro*. Mas não é um encontro verdadeiro. O real é o impossível de escrever... esperando contingentemente sua reescrita: “Outro ... sujeito, Papai ... neném”.

O intervalo nos indica o lugar onde um analista faz falta e onde o sujeito terá a oportunidade de se deslizar através de uma linguagem para que algo do singular — esses retalhos (*Stück*) (FREUD, 1920, cap. III; COSENTINO, 2003, p.46) de saber, tal como os achamos no inconsciente — não seja suprimido. O modo como esse um da *Eindruck* não faz um todo.

Recebido em 5/7/2004. Aprovado em 9/8/2004.

REFERÊNCIAS

- COSENTINO, J. C. (1998) *Angustia, fobia, despertar*. Buenos Aires: Eudeba.
- _____. (2001) "Variaciones del horror: el destino de la neurosis", in *Lo siniestro en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Imago Mundi.
- _____. (2003) *El giro de 1920*. Buenos Aires: Imago Mundi.
- _____. (2003a) "Nota sobre herencia", in *Primera clínica freudiana*. Buenos Aires: Imago Mundi.
- FREUD, S. A tradução do alemão remete a *Gesammelte Werke (GW)*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999. As remissões entre parênteses correspondem a O. C., Buenos Aires, Amorrortu Editores (AE.).
- (1893/1986) Carta 12 in *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess*, Frankfurt-am-Main, S. Fischer Verlag.
- (1896) La etiología de la histeria, GW, I, 434 (AE, III, 198).
- (1897-94) Carta 52 (112), in *Sigmund Freud Briefe an Wilhelm Fliess*, p.219-20 (AE, I, 276-7).
- (1900) La interpretación de los sueños GW, II-III (AE., V).
- (1901//1978-85). *Sobre el sueño (parte VI)*, GW, II-III, 672 (AE., V, 641).
- (1916/1917) 23ª Conferencia. Los caminos de la formación de sintoma. AE, XVI, p. 326-343, Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- (1918) De la historia de una neurosis infantil (cap. IV), GW, XII, 63 (AE., XVII, 36).
- (1919) Pegan a un niño. AE, XVII, p.173-200, Buenos Aires: Amorrortu, 1996
- (1920) Más allá del principio de placer (cap. IV) AE, XVIII, p.1-62, Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- (1920a) Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina, GW, XII, 294 (AE, XVII, 158).
- (1926) ¿Pueden los legos ejercer el análisis? (cap. IV), GW, XIV, 242 (AE., XX, 202).
- (1926b) Inhibición, síntoma y angustia, GW, XIV, 121 (AE, XX, 90).
- (1930) Premio Goethe, GW, 14, 548 (AE, XXI, 209).
- (1933a) 32ª conferencia. Angustia y vida pulsional, GW, XV, 100-1 (AE, XXII, 87-8).
- (1933b) 29ª conferencia. Revisión de la doctrina de los sueños, op. cit., 29-31 XV, 31 (AE, XXII, 26-28).
- (1933c) 31ª conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica, GW, XV, 80-1 (AE., XXII, 68-9).
- (1937) Análisis terminable e interminable, GW, XVI, 88-90 (AE, XXIII, 244-6).
- (1939) Moisés y la religión monoteísta GW, XVI (AE, XXIII).
- (1940) Esquema del psicoanálisis GW, XVII (AE., XXIII).
- LACAN, J. (1963) El Seminario, libro X, "La angustia", inédito, aula de 22 de maio.
- _____. (1966). El Seminario, libro XIII, "El objeto del psicoanálisis", inédito, aula de 1º de junho.
- _____. (1975a) "Reseñas de enseñanza", in *.Ou pire*. Paris: Scilicet 5

- . (1975b) “Intervención luego de la ponencia de André Albert acerca del placer y de la regla fundamental”, in *Lettres de l'École Freudienne* n. 24, Paris, junho.
- . (1976) *El Seminario, libro XXIII, “Le sinthome” (“Pedaços-de-real”)*, inédito, lição de 16 de março.
- . (1978/1994) *El sueño de Aristóteles*, conferência pronunciada no Hospital Sainte Anne (Paris) no ano de 1978, publicada em *Estudios Psicoanalíticos* n.2, Madrid.
- . (1992) “O que a análise mostra é que precisamente nada se transgride”, in *El Seminario, libro 17, El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.

Juan Carlos Cosentino
jccosenti@infovia.com.ar